

ROSANA RIOS

Anjo à Meia-luz

*edelbra*



**edelbra**

ANJO À MEIA-LUZ

**edelbra**

**edelbra**

**edelbra**

**edel**

**ra**

**edelbra**

**edelbra**

**edelbra**

**edelbra**

**edelbra**

**edelbra**

**edel**

**ra**

**edelbra**

**edelbra**

ROSANA RIOS

# Anjo à Meia-luz

Ilustrações de Salmo Dansa



1ª EDIÇÃO, 1ª IMPRESSÃO

COORDENAÇÃO EDITORIAL – Elaine Maritza da Silveira

PROJETO GRÁFICO – Juliana Dischke

CAPA E EDITORAÇÃO – Laura Guidali Amaral

ILUSTRAÇÕES – Salmo Dansa

REVISÃO – Renato Deitos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

R453a

Rios, Rosana, 1955-

Anjo à meia-luz / Rosana Rios ; ilustração Salmo Dansa. – Porto Alegre,

RS : Edelbra, 2013.

128 p. : il. ; 23 cm. (Medo ; 1)

ISBN 978-85-66470-32-1 (Capa Dura)

ISBN 978-85-66470-34-5 (Brochura)

I. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Dansa, Salmo. III. Título. IV. Série.

13-05149

CDD: 028.5

CDU: 087.5

---

2013

Edelbra

[www.edelbra.com.br](http://www.edelbra.com.br)

Central de atendimento:

51 2118 4404 | [cae@edelbra.com.br](mailto:cae@edelbra.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada,  
por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.

I  
GUARDIÃO  
· 9 ·

II  
TREINAMENTO  
· 43 ·

III  
PROVA  
· 69 ·

IV  
ANJO  
· 95 ·

**edelbra**

**edelbra**

**edelbra**

**edelbra**

**edel**

**ra**

**edelbra**

**edelbra**

Ah, o crepúsculo, o cair da noite, o acender das luzes nas grandes cidades  
E a mão de mistério que abafa o bulício,  
(...)

Quando eu morrer,  
Quando me for, ignobilmente, como toda a gente,  
Por aquele caminho cuja ideia se não pode encarar de frente,  
Por aquela porta a que, se pudéssemos assomar, não assomaríamos  
Para aquele porto que o capitão do Navio não conhece,  
Seja por esta hora condigna dos tédios que tive,  
Por esta hora mística e espiritual e antiquíssima  
(...)

A esta hora em que eu não posso ver que tu me olhas,  
Olha-me em silêncio e em segredo e pergunta a ti própria  
– Tu que me conheces – quem eu sou...

Álvaro de Campos

**edelbra**

**edelbra**

**edelbra**

**edelbra**

**edel**

**ra**

**edelbra**

**edelbra**

## I GUARDIÃO

### CIRO

Na tarde em que vi a garota pela primeira vez, não percebi que ela não estava lá de verdade.

Parecia real para mim, mesmo que só a visse pelo canto do olho. O ponto estava lotado de gente, como ficam os pontos de ônibus nos bairros de Sampa, às seis da tarde – com milhares de pessoas saindo do trabalho ou do colégio e desejando ir para casa. Ver à meia-luz, entre o povo, uma menina mais ou menos da minha idade, com cabelos negros despenteados, piercing no nariz, tatuagem no ombro e roupas pretas é coisa tão comum que um paulistano da gema, como eu, nem prestaria atenção. Muito menos notaria o fato de que ela não estava lá.

A van chegou. Um turbilhão de gente se apertou à minha volta, querendo entrar nela. E eu fui seguindo no empurra-empurra, sentindo-me gado num rebanho, até que ouvi a voz da garota.

– Não entra aí – ela disse.

Vi de relance o brilho de dois olhos grandes, com um toque impossível de violeta. E, sem imaginar por que, simplesmente me desliguei do rebanho e saltei para trás. Sabia que outra van demoraria pelo menos meia hora para aparecer. Tinha certeza de que ouviria um sermão em casa por chegar tarde. Raciocinava que não fazia sentido seguir o conselho de uma garota gótica genérica, mesmo que ela tivesse olhos de cor violeta.

Mas não entrei. Fiquei parado, olhando a van arrancar com tudo para atravessar a avenida sem ligar ao semáforo, que de amarelo ia ficando vermelho.

E quase tive um troço quando eu e todo mundo na rua vimos o caminhão vir à toda pela avenida e pegar a van em cheio, arrastá-la para a esquina e trombar com o poste. Foi um caos de gritos, ferro retorcido, cheiro de gasolina, sangue, fumaça e morte.

Morte.

Quando dei por mim, estava encostado na parede atrás do ponto, olhando aquela imensidão de gente berrar, chorar e fugir para longe do acidente. Só um sujeito sombrio continuava parado ali, o olhar indo de mim para a esquina. Ele me fitou com tanto ódio que eu escorreguei para o chão, pensando que minha mente superexcitada só podia estar imaginando isso. Um homem que me odiava, que estava se divertindo com a tragédia.

Fechei os olhos. Precisava respirar, não me deixar levar pela imaginação. E usar a técnica que me ensinaram na clínica de cardiologia para controlar a arritmia, acalmar as batidas do coração, não ter um colapso.



Não conseguiria me mover, mesmo se quisesse. Depois de respirar fundo algumas vezes, abri os olhos e vi que o homem sombrio tinha desaparecido; mas onde estava a garota misteriosa que acabara de salvar a minha vida? Devia estar entre as pessoas que não haviam embarcado na van.

Nem sinal dela, é claro. Porque ela não estava lá, não de verdade, no sentido palpável da expressão. Nem o sujeito que se divertia com o acidente, e que eu ainda encontraria mais vezes. Mas naquela tarde, tentando loucamente controlar a arritmia, e vendo a escuridão chegar para transformar o dia em noite, eu ainda não sabia disso.

### **SELENE**

Ele me viu.

Ele me ouviu.

Impulsos elétricos de seu cérebro dispararam e se comunicaram com os meus, grudando na minha aura, carregando a sensação penosa dos fluidos físicos. Minha voz tinha sido ouvida, reconhecida. Ele me olhou e saltou para trás, separou-se da massa desagradável de gente que é a marca registrada das grandes cidades.

Por que fiz isso? Por que me dei ao trabalho de reunir tanta energia – e precisei de muita, na rua apinhada de criaturas desconectadas – para impedir que ele entrasse na van que seria apanhada pelo caminhão? Eu não sabia que aquilo ia acontecer, é claro, apesar de muita gente pensar que anjos veem o futuro; eu, pelo



**GUARDIÃO**

• II •

menos, não vejo. Só sentia, no fundo da alma, que pessoas iam morrer... E não queria que o Ciro fosse uma delas. Agi por intuição. Os outros anjos sempre dizem que devemos seguir a intuição, mas, sei lá. Às vezes, os impulsos me traem e faço besteira.

Besteira ou não, estava feito. Oito pessoas morreram naquele acidente, e eu precisei sair de lá depressa, para recompor minhas energias. É, isso mesmo, anjos gastam energias; eu estava esgotada, apesar de saber que deveria ficar com ele, porque seu coração disparava batidas irregulares. Mas confiei que ele faria os exercícios de respiração sozinho e voei para longe, para o alto. Afinal, havia ajudado o Ciro a sobreviver, apesar de me questionar se deveria ter interferido.

Passei dias nesse questionamento. E se aquela fosse a hora de ele partir? E se minha interferência repentina causasse mudanças no destino dele, da família, da cidade, do país, do mundo? Escrevem livros sobre isso. Fazem filmes sobre isso. Definem equações matemáticas sobre isso... O bater das asas de uma borboleta no Ocidente pode provocar um tsunami no Oriente.

Teoria do Caos.

Pois é. E quando se fala em caos, lá estou eu! O caos sempre foi meu habitat natural.

É um problema, isso de ser um Guardiã. Eu disse dez vezes, cem vezes, mil vezes que não estava preparada. Que sabia muito pouco. Que ia fazer bobagem... Então, o Cassiano, um dos meus melhores amigos, me levou até a casa do garoto, e vi por que ele precisava de alguém ao seu lado.



Podia enxergar através da carne, perceber a fraqueza congênita que ele carregava. Não entendo muito de medicina, mas sei o que significa a tal cardiomiopatia hipertrófica. Ciro levava uma bomba-relógio dentro do peito, desde o nascimento: herança da mãe, que morreu na mesa de parto e deixou de presente para seu bebê um coração aumentado, assimétrico, que sempre teria de trabalhar demais para bombear o sangue e manter o menino vivo.

Depois de dezesseis anos, mais de vinte médicos, uma cirurgia, uma penca de tratamentos, ele vivia no limiar. E não era a doença que estava acabando com ele.

Não.

Era a solidão.

Era a indiferença.

Sempre imaginei que um anjo deveria ser angélico. Deveria compreender os seres humanos e não fazer críticas. Será? Isso é demais pra mim. Tenho pouquíssima paciência com gente estúpida, e não tive a menor vontade de tentar compreender a família do Ciro. Querem a verdade? Anjo ou não, a virtude da paciência não é o meu forte.

O pai dele não era mau sujeito, até. Seu Dario. Inteligente, como todos os professores da universidade em que trabalhou a vida toda, só que calado, fechado. Coração trancado feito uma casa velha, onde nunca se abrem janelas aos raios de sol: seria preciso arrombar portas para uma brisa fresca entrar e espantar o mofo. A rabugice pode ter aparecido depois da morte da mulher, Bianca... Eu desconfio de que ele simplesmente não queria sofrer



GUARDIÃO

· 13 ·

mais, então fechou o coração. Assim como fechou as fotografias dela numa caixa com chave, que escondeu num velho armário. Largou o bebê com empregadas que mudavam a toda hora, e só quando o filho já era adolescente (e tinha conseguido arrombar a caixa para ver as fotos da mãe) o professor se casou de novo.

Com a Talitha. Uma mulher bonita e fútil, de mente estreita como uma viela. Lembrava um desses becos que dão para o fundo das casas: sem portas nem janelas, escondendo lixo, detritos. O tipo de criatura que tem medo de tudo, de lagartixas a extraterrestres, e acha que acendendo velas aos santos resolve os problemas do mundo. Agora, prestar atenção às pessoas ao seu redor, nunca! Por que observar as dificuldades, carências e solidões dos outros, se ela já havia dedicado uma vela no oratório ao resto do mundo, o que incluía qualquer um que não fosse ela mesma?

A acendedor de velas tinha um filho do primeiro casamento: Micael.

Esse, apesar de ter um tradicional nome de anjo, despertou minha antipatia logo de início. Um adolescente mimado, capaz de tirar da mãe tudo o que queria – tênis de marca, celular de última geração, dinheiro para comprar droga. Não que a mãe percebesse que o filho vivia chapado com os baseados que conseguia no colégio. Imagina! Acendia velas para sei lá que santos, portanto, para ela, Micael estava protegido.

Ahã.

Sério, eu não queria aceitar aquele trabalho.

Sei que alguns chamam isso por outro nome: encargo. Missão.



ANJO À MEIA-LUZ

· 14 ·

Angelitude. Eu chamo de fardo, e preferia estar bem longe deles e da cidade de São Paulo, com suas massas desagradáveis.

Mas ordens são ordens. Tudo bem, eu tinha escolha: e escolhi ficar.

Era preciso estar com Ciro, proteger Ciro, enviar pensamentos bons para Ciro. Quiséssemos ou não, estávamos presos um ao outro pela minha aceitação do fardo.

Eu seria seu Anjo Guardião.

### **CIRO**

Meu pai não se importou com o fato de eu ter escapado por um triz de morrer num acidente, nem quis saber se o bairro tinha virado um caos, com polícia e bombeiros impedindo ônibus e vans de transitar pelas avenidas.

Olhou feio para mim, assim que entrei em casa com uma hora e meia de atraso, e resmungou que “horários existem para serem obedecidos”. Depois, o sermão continuou e caiu no argumento de sempre, de que eu não tinha disciplina, estudar não era minha prioridade, já poderia até estar me preparando para o vestibular, se não tivesse repetido o ano duas vezes...

Fiquei quieto, ouvindo. Não adiantava lembrar ao professor Dario que tinha sido impossível acompanhar a matéria do colégio na época em que tive meia dúzia de internações, ou quando fiz a cirurgia. E, o tempo todo, o idiota do Micael, esticado no sofá vendo televisão, ria. Ria de mim, sem parar. Devia estar chapado de novo, mas isso ninguém percebia.



**GUARDIÃO**

· 15 ·

Talitha veio em minha defesa, pela primeira vez na vida, mas só o que ela disse foi:

– Deixe o menino em paz, Dario, ele foi salvo! Ciro, vou buscar uma vela e você vai lá no oratório acender, para agradecer ao seu anjo da guarda.

Ah, claro, tocar fogo num barbante enfiado num cilindro de parafina vai mudar alguma coisa neste mundo caótico. Ou no outro mundo. Meu pai podia ter se casado com uma mulher mais tonta?

Um anjo, a garota gótica que me disse para não entrar na van! Com os piercings e tatuagens, só se fosse anjo das trevas...

Pensar nisso, enquanto eu acendia a estúpida vela no estúpido oratório, me deu medo. Ainda podia rever nitidamente o sujeito sombrio com olhar de ódio. Se alguém tinha cara de anjo das trevas, era ele.

Vai ver ele era o anjo da morte, e ficou furioso por não ter me levado.

Quase tive um ataque de riso quando pensei nisso. Precisei fingir que estava com tosse pra ir acabar de rir no quarto e a Talitha não perceber. Anjo da morte! Se fosse, ele devia estar injuriado, porque eu escapava das suas garras há dezesseis anos...

Quantas vezes achei que ia morrer, quando o coração rateava, as enfermeiras me espiavam com pena e os médicos evitavam os meus olhos, escrevendo naquelas suas pranchetas idiotas?

Ah, eu sempre odiei pranchetas de médicos. Nunca me deixavam ver o que eles escrevem lá. Imaginava que nelas estavam registradas minhas probabilidades de continuar vivo – que



ANJO À MEIA-LUZ

· 16 ·

sempre pareciam nulas, até que o coração recomeçava a bater normalmente.

E me mandavam pra casa.

Eu voltava para o quarto que agora dividia com a besta do Micael, imaginando que viveria mais um dia. Ou dois. Ou três. Quem sabe, um mês...

Eu era um produto com data de validade expirada, que teimava em continuar na prateleira do supermercado. E, se é que existia mesmo um anjo da morte, ele devia estar bem frustrado.

### SELENE

A segunda vez que ele me viu foi na outra semana, no dia em que iria fazer a ecocardiografia na clínica. Pra variar, estava deprimido; logo cedo, tive trabalho para tirar da mente dele os pensamentos ruins. Era como se o Ciro fosse um personagem de desenho animado, com uma nuvenzinha escura pairando sobre sua cabeça.

A família não ajudava em nada.

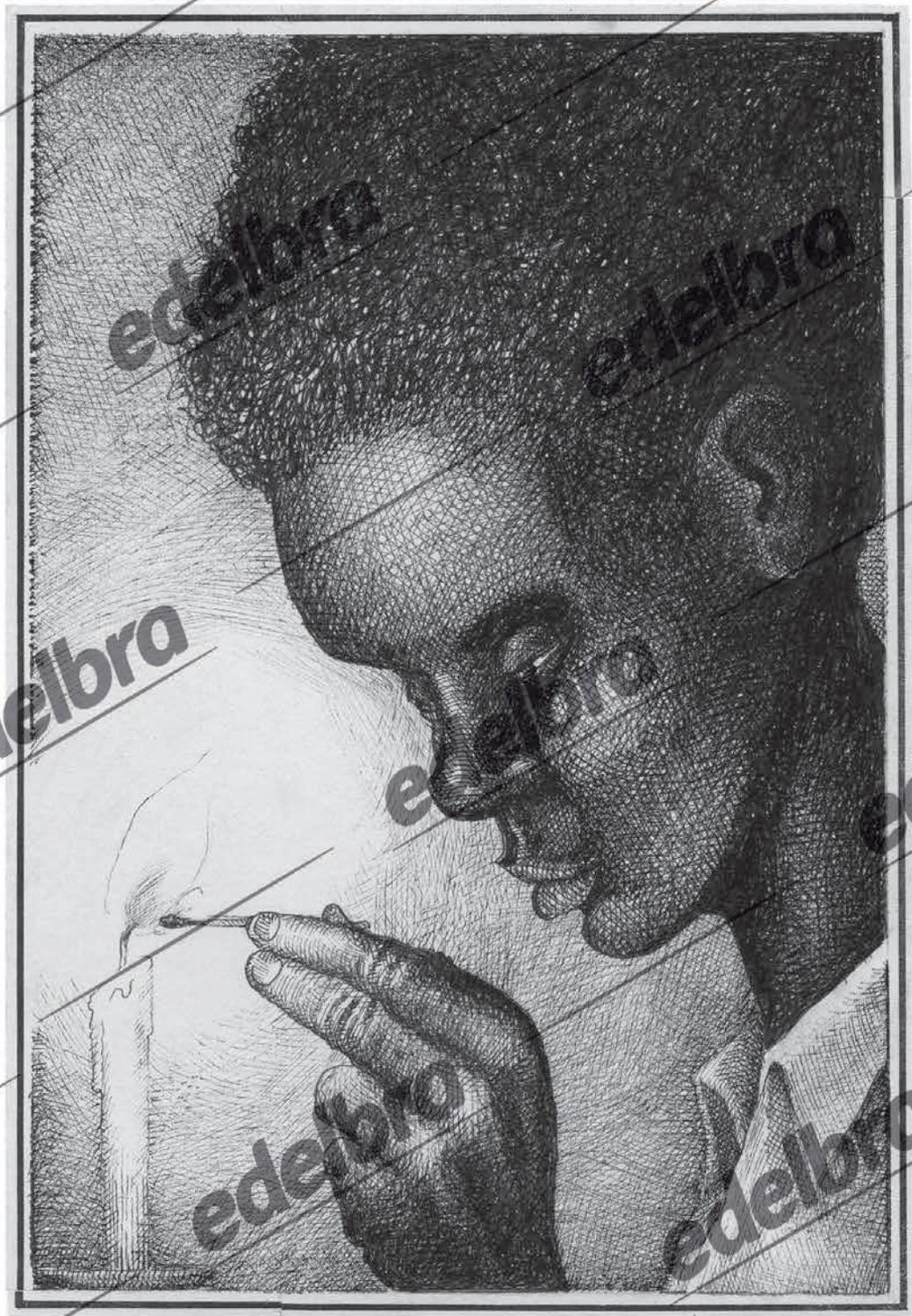
Era o começo da semana de provas no colégio, ele estava cansado de tanto estudar, e a Talitha não parava de mandar que acendesse velas pro anjo da guarda e para um santo que, ela garantia, ajudava qualquer um a ir bem nas provas.

Como se pudessem me subornar com uma vela! Pode ser que outros anjos achem isso lindo, e que os santos adorem sentir o cheiro enjoativo de parafina derretida, mas eu?



GUARDIÃO

· 17 ·



RESPEITE O DIREITO AUTRAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

Francamente. Sempre me espanta a capacidade que as pessoas têm de preencher as carências da alma com coisas materiais.

Já o pai, em vez de tomar o café da manhã em silêncio, cisnou de fazer um discurso sobre anjos e arcanjos nas tradições religiosas. Se eu tinha alguma dúvida de que o professor Dario era um sabichão insuportável, foram dissipadas naquela manhã. O homem chato.

Que diferença faria, para um jovem de dezesseis anos, saber que a palavra arcanjo era *arkhánggelos* para os gregos e significa anjo de uma ordem superior, porque o prefixo *arkhi* em grego vem de *arkhós*, comandar, chefiar, e por isso os arcanjos seriam os comandantes das legiões celestes? Ou que na Bíblia o único arcanjo que tem nome é Miguel-Micael (xará do garoto chapado da casa), mas só no Novo Testamento, pois no Antigo os anjos são chamados em hebraico *Malakhi Elohim* ou *Malakhi Adonai*, e blá-blá-blá...

A nuvem negra em torno da cabeça do Ciro aumentava, e eu fiz o que os pobres alunos do pai dele, na universidade, não podem fazer: sumi, atravessei as paredes e fui esperar meu protegido na entrada do prédio.

Uma das vantagens de ser um anjo é que portas e paredes sólidas não nos prendem. Bem, pra falar a verdade, algumas vezes até prendem, mas só se estiverem impregnadas por fluidos densos, controlados por várias mentes e... Mas essa é outra história, não importa; o que me importava naquele dia era eliminar a nuvem ameaçadora da depressão.



GUARDIÃO

· 19 ·

**edelbra**

**edelbra**

**edelbra**

**edelbra**

**edel**

**ra**

**edelbra**

**edelbra**

## Sobre a autora

### ROSANA RIOS

Quando eu era criança, havia um pequeno quadro no meu quarto com a imagem de um anjo da guarda protegendo um bebê perto de um precipício. Minha mãe dizia que todas as pessoas têm um anjo por perto, especialmente as crianças. Muitas décadas se passaram e nem sei o que aconteceu com aquele quadro, mas tenho certeza de que os anjos da guarda sempre me protegeram.

Esta é a primeira vez que escrevo sobre anjos, apesar de ter publicado mais de 130 livros nestes meus 25 anos de carreira. Sou autora de literatura fantástica e tenho me dedicado ao público leitor infantil e juvenil. Também fui roteirista de programas de TV e de quadrinhos, e já recebi alguns prêmios importantes, como o Bienal Nestlé de Literatura, o Cidade de Belo Horizonte e selos “Altamente Recomendável” da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Fui finalista do prêmio Jabuti, na categoria Literatura Juvenil, em 2008 e 2011.

Moro em São Paulo, cidade em que nasci e onde estão a minha família, a casa, a biblioteca, uma grande coleção de dragões e por onde transitam os meus anjos.

**edelbra**

**edelbra**

**edelbra**

**edelbra**

**edel**

**ra**

**edelbra**

**edelbra**

## Sobre o ilustrador

### SALMO DANSÁ

Nasci e vivo no Rio de Janeiro. Desenho desde criança e já trabalhei com videoarte, publicidade e educação a distância. Comecei em 1992 e desde 1997 me dedico prioritariamente ao trabalho de ilustrador. De lá pra cá, já fiz cerca de 80 livros. Meus trabalhos mais significativos são sobre as lendas africanas e os contos de fadas.

Meus desenhos estiveram em exposições na Colômbia, Eslováquia, Alemanha e Brasil, e alguns tiveram reconhecimento, como: o prêmio Adolfo Aizen da UBE, o selo Altamente Recomendável da FNLIJ e o *White Ravens* da Internationale Jugendbibliothek IJB. Em 2008, ganhei a bolsa de pesquisa da IJB e passei três meses pesquisando livros de imagem em Munique.

Anjo à meia-luz foi ilustrado com intenção de representar a distinção entre dois planos diferentes na mesma imagem: o plano terrestre do personagem Ciro e o “plano celeste” da personagem Selene. Como a convivência entre eles é o cerne da história, usei dois papéis diferentes e desenhos sobrepostos por transparência; o papel dentro da moldura traz a cena do plano terrestre, e o outro, por trás, representa o “plano celeste”, o infinito onde os anjos habitam.

# Anjo à Meia-luz



Anjos são criaturas espirituais presentes em muitas tradições e histórias de povos bem diversos. Descritos de diferentes formas, são seres benéficos, guias da humanidade, exceto o Anjo da Morte, que teria a função de buscar as pessoas para levá-las a outro plano. Todas as tradições são unânimes num ponto: anjos quase sempre são invisíveis aos nossos olhos e podem estar mais perto do que somos capazes de perceber.

**edelbra**

